

SEXUALIDADE

Corpo, prazer, identidade e emoções sob o olhar científico

LER & SABER

A CIÊNCIA POR TRÁS DO SEXO

RESPOSTAS PARA O QUE VOCÊ SEMPRE QUIS SABER

**É MENINO
OU MENINA?**

Entenda os conceitos
de transgênero e
intersexo

**BENEFÍCIOS
DO PRAZER**

A importância
de uma vida
sexual ativa

**PARA ELES
E ELAS**

Tudo sobre os
principais métodos
contraceptivos

R\$ 9,90



Ler & Saber - Ano 6, n.º 10 - 2017



7 897710 223880

É menina ou menino?

Quando a identidade vai muito além do sexo na certidão de nascimento

TEXTO E ENTREVISTAS CAROLINA FIRMINO E
NATHÁLIA PICCOLI/COLABORADORA
DESIGN MARY ELLEN MACHADO



Essa é a primeira pergunta que todo o mundo faz sobre nós e sobre a nossa identidade social antes mesmo do nascimento. Mas é importante lembrar que a diversidade sexual humana é real. E, mesmo que o assunto seja considerado polêmico por algumas pessoas e esteja relacionado a inúmeras discussões que envolvem ciência, religião e comportamento em sociedade, é preciso ser analisado sem barreiras sociais ou rótulos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) já está avançando nesse caminho: com a motivação de um novo estudo publicado em julho de 2016, a classificação de identidade de gênero deve sair da lista de distúrbios mentais. A mudança já tem a aprovação de cada comitê pelo qual passou e está em revisão para o próximo manual da OMS, que tem previsão de lançamento para 2018. A pesquisa entrevistou 250 pacientes de uma clínica para transgêneros na Cidade do México e descobriu que, apesar de a maioria ter sentido desconforto com a condição durante a adolescência, 20% não passou pelo mesmo. E entre aqueles que se sentiram incomodados no trabalho, lar ou escola, a maioria atribuía a sensação à maneira com que eram tratados – sofrendo rejeição e violência.

O que nos faz menino ou menina?

Durante a primeira fase da gestação, um feto que tem genes masculinos (cromossomos XY) geralmente se desenvolve com genitais masculinos. Porém, se possuir genes femininos (XX) se desenvolverá com genitais femininos. Os médicos e os pais simplesmente olham os genitais do bebê e declaram se é menino ou menina. Entretanto, essa explicação tem sido objeto de pesquisas científicas durante grande parte do século 20 e ainda continua gerando discussões que vão muito além do sexo biológico.

Algumas pessoas não se sentem representadas pelo sexo com o qual nasceram e a ciência ainda não entende muito bem o motivo. O assunto envolve três vertentes diferentes que podem servir de critérios para definir “menino” ou “menina”: identidade de gênero não é a mesma coisa que sexo biológico e orientação sexual; o cérebro e os genitais têm funcionamentos distintos na construção da identidade; e os estudos da área defendem que o sexo é biológico, mas o gênero é social.

A psicóloga e sexóloga Poema Ribeiro explica e defende que essa questão vai além de sexo ou genética. “A orientação sexual diz respeito à atração que o indivíduo sente pelo outro. Isso independe do sexo, feminino ou masculino. A identidade de gênero é como a pessoa se identifica: identidade, harmonia e persistência da individualidade de alguém”, esclarece.

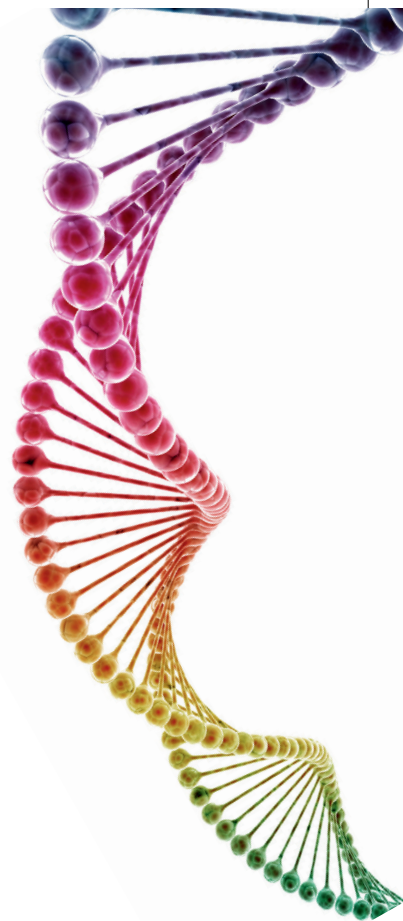
O que a ciência diz?

“Existem teorias biológicas que indicam influências hormonais sobre o desenvolvimento cerebral, alterações genéticas e cromossômicas, diferenciação cerebral intrauterina e teorias sócio-dinâmicas”, explica Poema. Para muitos estudiosos, o desejo sexual entre os sexos não é uma questão de opção, uma vez que, independente das influências externas, o cérebro está programado para sentir atração por determinado sexo. Um estudo realizado pelo cientista Michael Bailey, da Universidade Northwestern, nos Estados Unidos, divulgado em 2014, analisou o DNA e os circuitos neuro-

lógicos de 400 irmãos. Ao serem exibidas fotos de homens e mulheres, o cérebro dos homens heterossexuais foi estimulado por mulheres, enquanto o dos homossexuais, por homens. Contudo, quando os participantes eram mulheres, a divisão não se mostrou tão clara. Ambas as definições – hetero ou homossexuais – demonstraram interesse tanto por imagens masculinas quanto femininas.

Pontuando

O fato de uma pessoa ter nascido com órgãos masculinos não significa, porém, que ela se reconhecerá como homem e nem que se comportará de acordo com o que a sociedade impõe. A construção do que é regra para mulheres e homens é social e varia conforme a história e a cultura, entre outros fatores. “Quando o indivíduo não se identifica com seu sexo biológico, não é só o órgão sexual que faz diferença”, ressalta Poema. Ou seja, podemos dizer que a genética e o ambiente não são fatores únicos, pelo contrário: os dois se somam.



QUEM É VOCÊ?

IDENTIDADE DE GÊNERO

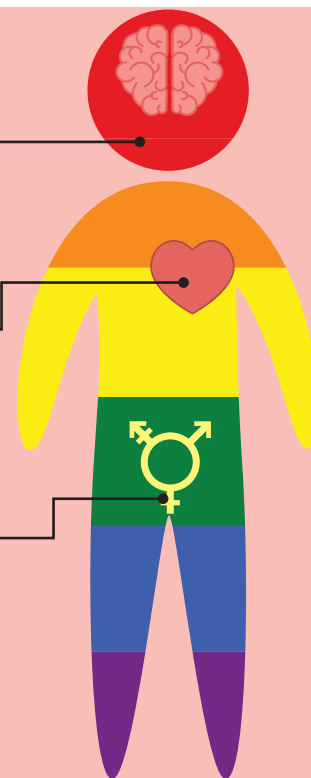
É como a pessoa se reconhece. Para alguns indivíduos, essa identidade corresponde ao sexo biológico: os cisgêneros. Para outros, não: transexuais ou transgêneros.

ORIENTAÇÃO SEXUAL

“Diz respeito à atração afetivossexual por um gênero”, explica a educadora sexual Leila Campos. Não necessariamente está ligada à questão de gênero, uma pessoa transexual pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

SEXO BIOLÓGICO

Com base nas genitálias, é feita a classificação como homem, mulher ou hermafrodita. “Os órgãos sexuais dizem respeito à identidade sexual e fazem parte da estrutura física determinada cromossomicamente na fecundação e são desenvolvidos ao longo da gestação”, elucida Leila.



Uma forma de expressão

“Nunca fui uma pessoa infeliz, mas acho que se a Alexia não se libertasse logo talvez eu entrasse em depressão”, relata a transgênera Alexia de Oliveira. Essa frase poderia representar milhões de indivíduos transgêneros ao redor do mundo.

Perceba que toda vez que você vai preencher um questionário é comum aparecer o seguinte campo: sexo. E a pergunta é: qual é o seu gênero? Normalmente, existem duas alternativas para você assinalar: masculino ou feminino. No entanto, nascer com um órgão sexual não define de imediato o gênero do indivíduo. “Os indícios costumam a aparecer entre os dois ou quatro anos de idade, provocando estranhamento intenso em pertencer a determinado sexo, mas com desejo ou insistência de ser de outro”, detalha a psicóloga e sexóloga Poema Ribeiro. Isso leva o indivíduo a querer se libertar, escolhendo desempenhar o papel oposto: homem como mulher e vice e versa. A este grupo de pessoas é atribuído o termo transgêneros, por “desobedecerem” às normas sociais e culturais de gênero impostas pela sociedade.

“A transexualidade se manifesta pelo desejo de viver e ser aceito como pessoa do gênero oposto. Este desejo está associado, em geral, a um sentimento de mal estar ou de inadaptação ao seu próprio sexo, levando até ao desejo de submeter-se a intervenções cirúrgicas e a tratamentos hormonais, para poder transformar seu corpo de acordo com o sexo desejado”, elucida psicóloga e sexóloga.

Fora dos holofotes

A maior parte das pessoas transgêneras segue longe dos holofotes e sequer entra para as estatísticas – não há um levantamento confiável sobre quantas pessoas trans há no planeta. O motivo, a transfobia – o preconceito, a discriminação, o medo e/ou o ódio sofrido por esses indivíduos. Assim, muitos costumam se esconder, e buscar o anonimato, principalmente, no Brasil, uma vez que o país ganhou o primeiro lugar na categoria dos que mais matam travestis e transexuais no mundo. Entre janeiro de 2008 e março de 2014,

Alguns números

604 mortes

de travestis e transexuais foram registradas no Brasil entre janeiro de 2008 e março de 2014

78%

das pessoas transgêneros pensaram em se suicidar

44%

tentaram pelo menos uma vez

35 anos

é a expectativa de vida aproximada de travestis e transgêneros

Entre as denúncias feitas pelo Disque Denúncias (Disque 100):

51,68%

contra travestis e transgêneros

36,77%

contra gays

9,78%

contra lésbicas

Bom exemplo

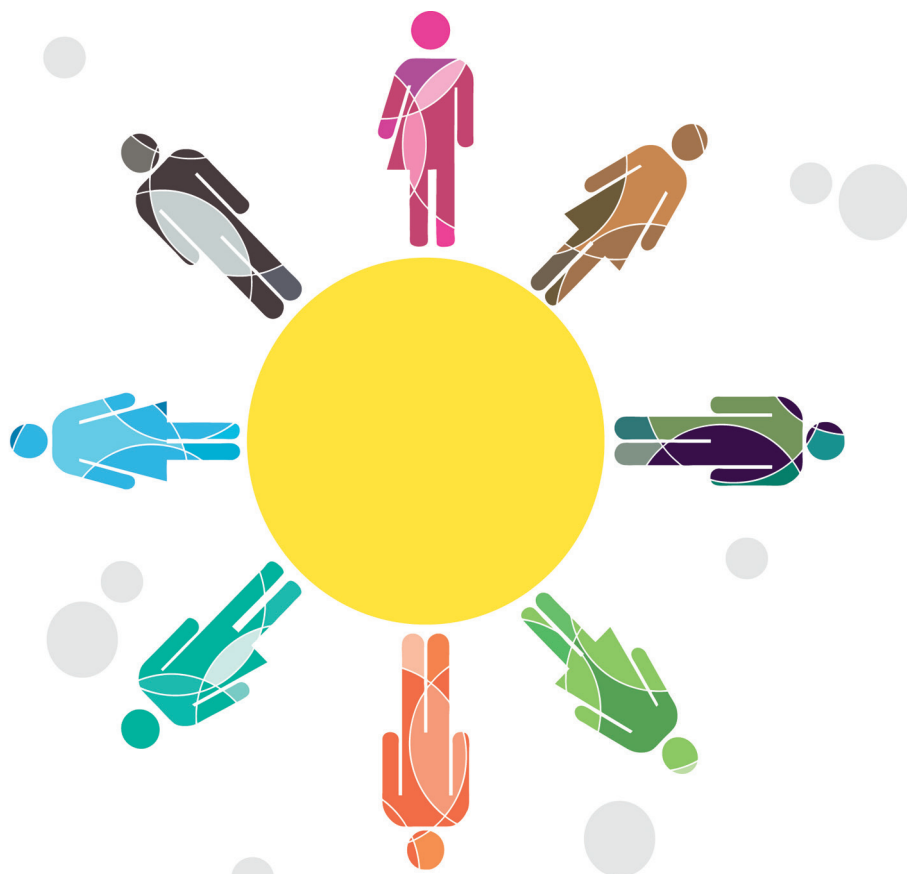
Em 2014, após reclamações de usuários que queriam mais liberdade de escolha em seus perfis, o Facebook passou a oferecer mais de 50 opções de termos para classificar gêneros. É possível ainda escolher por qual pronome você deseja ser chamado, “ele”, “ela” ou “neutro”.

foram registradas 604 mortes no país, segundo pesquisa da organização não governamental (ONG) *Transgender Europe* (TGEU), quatro vezes a mais que no México, segundo país com maioria de casos registrados. É provável que haja muitos outros não documentados.

As consequências da transfobia podem ser irreversíveis. É o que mostra um estudo sobre saúde mental encomendado à *Transgender Equality Network* pela comunidade “trans” da Irlanda. O resultado da pesquisa mostrou que 78% das pessoas transgêneras pensaram em se suicidar e 44% tentaram pelo menos uma vez. Entre as causas das tendências suicidas apontadas pelo trabalho irlandês está o “estresse extremo” ligado ao fato de o indivíduo exibir um sexo que não é o seu natural.

Outros números da TGEU mostram que o Brasil é o país que mais mata travestis no mundo, com uma expectativa de vida de 35 anos para elas, a mesma para pessoas transgêneras. Por outro lado segundo um relatório do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, entre as denúncias feitas pelo Disque Denúncias (Disque 100), 51,68% foram contra travestis e transgêneros; 36,77% contra gays e 9,78% contra lésbicas.

Esse número cresce entre as mulheres trans – visto que o preconceito dificulta sua vida em sociedade. Podemos constatar isso com a escassez de oportunidades de trabalho que lhes são oferecidas: de acordo com os dados da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil), 90% das mulheres trans acabam se prostituindo. Um dos fatores que as levam a optar por esse trabalho é justamente a



Breve definições

Sexo biológico: característica natural.

Orientação: tipo de pessoa pela qual alguém sente atração para sua vida sexual. Pode se dividir em:

- **Homossexual:** pessoa que sente atração pelo mesmo sexo;
- **Heterossexual:** pessoa que sente atração pelo sexo oposto;
- **Bissexual:** quem sente atração tanto por pessoas do sexo oposto quanto por pessoas do mesmo sexo;
- **Pansexual:** pessoa que sente atração, independente do sexo ou identidade de gênero.
- **Assexual:** não sente atração por ninguém.

Cisgênero: termo utilizado para definir os indivíduos que se identificam, em todos os aspectos, “com o seu gênero de nascença”. Mas, “devemos lembrar que a orientação sexual não está relacionada com a identidade de gênero”, explica Poema. A educadora sexual Leila Campos completa com “um exemplo simplório para ilustrar a determinação cisgênero seria dizer que uma pessoa está ‘alinhada’ dentro de seu corpo e de seu gênero e suas necessidades são percebidas e tratadas socialmente como tal”.

Transgêneros ou transexuais: pessoas que possuem uma identidade ou expressão de gênero diferente de seu sexo atribuído. Neste caso, os transgêneros já começaram o processo de hormonização para mudança do corpo.

“Eu sempre digo que não estou mudando de sexo, mas sim corrigindo um erro da natureza”

ALEXIA DE OLIVEIRA, TRANSGÊNERA

falta de oportunidade no mercado, que não reconhece sua identidade. A principal luta dessas pessoas tem sido por um tratamento justo como o de um indivíduo qualquer, sem serem julgadas por seu sexo, orientação ou gênero.

Mais que educação

Uma pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (USP) mostrou que 93% dos alunos, professores e funcionários têm preconceitos relacionados a gênero. E, apesar do que já é debatido, muitos enfrentam dificuldades dentro e fora da sala de aula.

É muito comum que, no dia a dia escolar, os transgêneros enfrentem dificuldades que vão do bullying à discriminação – muitos passam a se sentir isolados, deprimidos e abandonam os estudos. Outra pesquisa realizada em fevereiro pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), apontou que 19,3% dos alunos em escolas públicas não gostariam de ter um colega de classe travesti, homossexual, transexual ou transgênero. E são nesses casos que a presença de um professor

Várias dimensões

Travesti: ainda que a pessoa tenha o mesmo desejo e invista em roupas e uso de hormônios e até mesmo cirurgias plásticas, tal qual o transexual, opta por manter o órgão genital com o qual nasceu.

Crossdresser: pessoa heterossexual ou bissexual que se veste como o gênero oposto, mas continua se identificando com seu gênero biológico.

Drag queen e transformista: artistas que fazem a representação do papel de gênero feminino, com maquiagens exuberantes e shows grandiosos – normalmente, com fins comerciais.

com um bom repertório e livre de preconceitos faz toda a diferença, tornando o ambiente escolar acolhedor.

Inserir o tema no cotidiano acadêmico é uma opção, isso dará a chance de outros alunos tirarem possíveis dúvidas. Porém, é importante lembrar que o respeito maior está ligado ao educador, é ele quem primeiro deve respeitar o aluno transgênero, tratando-o pelo pronome de sua preferência e, claro, inibindo qualquer forma de bullying ou violência dentro da sala de aula.

Uma história real

“Até meus 10 ou 11 anos, eu era uma criança muito afeminada, o que gerou certos problemas em casa, pois meus pais achavam que eu era gay. Foi quando passei a achar que era errado o que eu ‘tinha’ e comecei a construção de uma falsa masculinidade que nunca tive, por acovardamento perante família e sociedade. E foi dentro dessa concepção de pseudomaskulidade que tive as fases de negação e auto-repressão. Isso é horrível. Foi quando, há três anos, noivo, eu não aguentei mais sufocar isso (ou como gosto de dizer, a Alexia finalmente começou a se libertar). Uma coisa que, na época, não se encaixava era o fato de a minha orientação sexual ser para o gênero feminino (sou uma menina trans, mas que gosta de meninas). Nisso, passei dois anos pesquisando, quando resolvi iniciar a transição, há um ano. Dei muita sorte ao encontrar, de primeira, uma endocrinologista que aceitasse fazer meu tratamento hormonal”, Alexia de Oliveira, transgênera.

A luta é constante!

Um grande passo a favor dessas pessoas foi dado: uma Resolução do Conselho Federal da ordem dos Advogados do Brasil (OAB), publicada no Diário Oficial da União do dia 5 de julho de 2016, reconheceu a identidade de gênero de travestis e transexuais no âmbito da entidade e regulamentou o uso do nome social no registro da Ordem. Ou seja, a medida definiu o nome social como a designação pela qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida.

Outra vitória foi alcançada em julho de 2016, quando o Governo Federal garantiu que alunos podem usar os banheiros da escola de acordo com a sua identidade de gênero. A nova lei vale também para uniformes escolares que são diferentes para meninos e meninas.

FONTE Alexia de Oliveira, transgênera e bibliotecária na cidade de Angra dos Reis, Rio de Janeiro;

CONSULTORIAS

Leila Campos, profissional filiada à ABRASEX (Associação Brasileira dos Profissionais de Saúde, Educação e Terapia Sexual), palestrante, consultora em saúde e educação sexual (Vivendo Melhor – SP), professora de pompoarismo (Método Regina Racco-RJ), pós-graduanda em terapia sexual (CEFATEF/DOCTUM-SP);

Poema Ribeiro, psicóloga e sexóloga.